

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

69

(INSCRIÇÕES 309-313)



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
2002

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.*

*Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.*

*O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.*

*O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.*

*As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome.*

*The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.*

*FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.*

*The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

*All contributions should be sent to the editors:*

José d'ENCARNAÇÃO  
Instituto de Arqueologia – R. de Sub-Ripas, P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS  
Av. Madrid, 24, 2º dtº, P-1000-196 LISBOA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de*

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA  
CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

---

Depósito Legal N° 21216/88

ARA VOTIVA ENCONTRADA NO SABUGAL  
(*Conventus Emeritensis*)

Ara votiva de granito grosseiro identificada, em Janeiro de 2001, durante as obras de reabilitação dum edifício para construção do Museu Municipal, situado no Largo de São Tiago<sup>1</sup>. O monumento encontrava-se reutilizado na parede traseira do imóvel e actualmente está depositado na Câmara Municipal do Sabugal, vindo futuramente a ser exposto no próprio museu. Trata-se de uma peça rudemente afeiçoada e muito danificada, sobretudo do lado direito, pela sua adaptação a elemento de construção. O capitel apresenta fóculo central elevado e quadrangular (20 x 19 cm). A moldura que separa o capitel do fuste é constituída por um duplo filete, pouco saliente, que foi totalmente picado na parte frontal. O fuste apresenta-se pouco alisado e é mais estreito na base que no topo – efeito que terá sido acentuado pelos danos que sofreu na face lateral direita ou produzido propositadamente por motivos estéticos. A base separa-se do fuste por um ressalto ligeiramente pronunciado.

Dimensões: 91 x 28/21/26 x 30/27.

VALENS · / AETI(o) / L(ibens) · V(otum) · S(olvit) ·

Valente cumpriu o voto de livre vontade a Écio.

Altura das letras: 1.1: 7,5 (N = 8,4; E = 6,5); 1. 2: 7,5; 1. 3: 7.  
Espaços: 1: 1; 2: 1,5/2,5; 3: 0,8/1,5; 4: 5/6.

O campo epigráfico ocupa praticamente toda a face anterior da ara que é mais estreita do que as laterais. Por este facto, e devido

---

<sup>1</sup> Na Vila era já conhecida outra ara votiva de dedicação *Arentiae Equotullaicensi*, divindade tópica: CURADO, Fernando Patrício (1984), «Monumento votivo a Arentia, de Sabugal», *Ficheiro Epigráfico*, 7, n.º 27.

aos danos sofridos do lado direito, pensámos inicialmente na eventualidade de o texto estar incompleto. Verificámos, porém, que apenas a base e o capitel terão sido afectados pela reutilização.

O texto apresenta-se distribuído por três linhas, com a identificação do dedicante, a menção do teónimo e a fórmula final, sobrando ainda algum espaço abaixo da última linha. Nota-se a preocupação do *ordinator* em colocar as palavras segundo um eixo de simetria e as três linhas dispostas de forma triangular invertida.

As letras da inscrição lêem-se com facilidade, mas são irregulares e mais altas que largas, gravados sem recurso à marcação de linhas auxiliares: N da l. 1 desproporcionado em relação aos restantes; SS bastante abertos, inclinados para a frente. Pontuação correcta, tendo sido empregue após o nome do dedicante e na fórmula final.

Na l. 1, o antropónimo foi gravado propositadamente com recurso a dois nexos seguidos na mesma palavra, pouco usual na epigrafia: um engendroso nexos quádruplo VALE e a forma original de anexar NS, com o intuito de colocar o dedicante em toda a extensão do cabeçalho.

O dedicante identifica-se apenas com um *cognomen* latino comum, bem documentado na Península Ibérica<sup>2</sup>, mas com raros testemunhos nesta região. Trata-se, provavelmente, dum indígena romanizado que não indica a filiação. Seria pouco provável a leitura, na l. 2, do patronímico AETI ou AETI(i), pois então o monumento faria omissão da divindade reverenciada ou esta só poderia estar gravada no capitel que se encontra picado. Acresce, ainda, o facto de que *Aetus* ou *Aetius* são nomes praticamente desconhecidos na Península<sup>3</sup>.

Com base numa inscrição votiva de Alcaria (Fundão), dedicada a *Aetius*<sup>4</sup>, julgamos ver aqui referenciada também a mesma divindade, tratando-se do segundo caso conhecido<sup>5</sup> devendo pôr-se de parte a hipótese dum mero carácter tutelar tónico<sup>6</sup>. Assim, o

---

<sup>2</sup> VIVES, José (1971 e 1972), *Inscripciones Latinas de la España Romana* (=ILER), Barcelona, pp. 760-761.

<sup>3</sup> Vide: ALBERTOS FIRMAT, M<sup>a</sup>. de Lourdes (1966), *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense e Bética*, Salamanca; ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, p. 260. Segundo estes autores seriam mais comuns os antropónimos *Aeturus/ra*, *Aetius*, *Aetolis* ou *Aetaba*.

<sup>4</sup> VAZ, João Luís da Inês (1977), «Inscrições romanas do Museu do Fundão», *Conimbriga*, XVI, pp. 6-7. Nesta inscrição encontramos também semelhanças na paginação invulgar do texto, na origem do dedicante e na fórmula final.

dedicante identifica-se antes de nomear a invocação, o que não é caso raro na epigrafia da Lusitânia. O teónimo encontra-se em dativo com o lapso do O final ou como exemplo raro de dativo indígena. Na análise etimológica do radical encontramos a raiz no indoeuropeu ‘*ai-dh*’ com significado de “ardente”, “fogos” ou “brilhante”<sup>7</sup>.

A análise paleográfica, a estrutura textual e a tipologia simplificada do monumento sugerem uma datação da primeira metade do séc. I.

MARCOS OSÓRIO



309

<sup>5</sup> Não devemos considerar como paralelo o *Bandua Aetobricus* de Sarreaus, Xinzo de Limia (Ourense): CIL II 2512. A releitura da inscrição de Ourense permitiu constatar tratar-se apenas da referência a um *V(ico) Nemetobriga*: ALBERTOS FIRMAT, M<sup>a</sup>. de Lourdes (1990), «Los topónimos en -Briga en Hispania», in *Veleia*, 7, Vitória, p. 132 (agradecemos cordialmente a Fernando Patrício Curado por nos ter proporcionado esta achega). Tendo sido esta a interpretação de uma inscrição de Alenquer dedicada a *Banduaetobricvs*: ENCARNAÇÃO, José d’; FERREIRA, F. Bandeira; ALMEIDA, J. Mendes de (1976), «Uma árula a *Banduaetobricvs* – *additamentvm*», *Conimbriga*, XV, pp. 140-147; teremos que rever também a sua leitura, da qual, já na altura, Maria de Lurdes Albertos manifestou reservas: ver p. 144, nota 12. Vai, de facto, noutro sentido, a recente interpretação de Manuela Alves DIAS – *Bandua Horrico (Epigrafia latina do Museu Municipal Hipólito Cabaço (Alenquer))*, Lisboa, 2001, pp.26-28.

<sup>6</sup> ALARCÃO, Jorge de (2001), «Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 2, p. 315.

<sup>7</sup> FERNANDEZ-ALBALAT, Blanca (1990), *Guerra y Religión en la Gallaecia y la Lusitania Antiguas*, A Coruña, pp. 112-113.

DUAS ARAS DA QUINTA DE SÃO DOMINGOS  
(POUSAFOLES DO BISPO, SABUGAL)  
(*Conventus Emeritensis*)

Duas novas aras votivas foram identificadas na Quinta de São Domingos<sup>1</sup> (freguesia de Pousafoles do Bispo e concelho do Sabugal), no decurso de uma visita efectuada em Fevereiro de 2000.

Neste local tinham sido descobertas três aras votivas dedicadas à divindade *Laepus*, uma ara anepígrafa e conhecíamos a referência de mais 14 aras e ámulas anepígrafas, desaparecidas<sup>2</sup>. Relatamos agora o achado de mais duas inscrições votivas, insuficientemente legíveis e sem referência à divindade reverenciada. A sua omissão, apesar de insegura, consolida a hipótese dum santuário local<sup>3</sup>, como já foi proposto anteriormente<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> As duas inscrições foram sumariamente inventariadas no *corpus* epigráfico do nosso trabalho de investigação: OSÓRIO, Marcos (2000), *O Povoamento Romano do Vale Superior do Rio Côa*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. II, pp. 43 e 46, n.ºs 9 e 15. As leituras e as interpretações aí expressas são agora revistas e ampliadas. Agradecemos a Armando Redentor e a Fernando Patrício Curado as diversas indicações que nos deram sobre as peças.

<sup>2</sup> RODRIGUES, Adriano Vasco (1959), «O castro do Cabeço das Fráguas e a romanização das suas imediações», *Beira Alta*, XVIII, n.º 1-2, pp. 122-123; RODRIGUES, Adriano Vasco (1959-60), «Inscrição tipo 'porcom' e aras anepígrafas do Cabeço das Fráguas (Guarda)», *Humanitas*, XI-XII, pp. 74-76; CURADO, Fernando Patrício (1984), «Aras a *Laepus* procedentes de Pousafoles, Sabugal», *Ficheiro Epigráfico*, 7, n.º 28.

<sup>3</sup> ENCARNÇÃO, José d' (1985), «Omissão dos teónimos em inscrições votivas», *Veleia*, 2-3, p. 307.

<sup>4</sup> RODRIGUES, 1959: 124; RODRIGUES, 1959-60: 76.

### 310.1

Árula votiva de granito de grão médio, descoberta pelo Sr. Ladislau Piçarra durante a lavoura nos terrenos da sua quinta. Encontrava-se guardada na adega, durante as nossas primeiras visitas, e foi inesperadamente levada para Lisboa por outra investigadora de visita ao local.

Trata-se dum monumento de reduzido tamanho, semelhante a uma das árulas previamente descobertas na quinta<sup>5</sup>. Rudemente afeiçoado, denota um acabamento menos perfeito. O capitel tem dois toros, fôculo central circular e elevado e frontão triangular diminuto. O fuste encontra-se separado do capitel e da base, nas quatro faces, por uma moldura simples e pouco saliente (com 6 cm de altura). A base é alta (= 5,4 cm) e composta dum pé pouco afeiçoado para o eventual encaixe num suporte ou cavidade.

Dimensões: 32 x 18 x 12.

Campo epigráfico: 11 x 16.

L(*ucius*) · [...]VS / [...] N[...] A / M(*onumentum*) POS(*uit*)

Lúcio (...) colocou o monumento.

Altura das letras: l. 1: 2,7 (V = 2,8); l. 2: 1,7; l. 3: 2,6 (O e S = 1). Espaços: 1: 1,2; 2: 3; 3: 1 e 4: 0,4.

O texto apresenta-se distribuído pelo fuste, dividido apenas em três linhas, fazendo o aproveitamento máximo do reduzido espaço disponível, aparentemente segundo um eixo de simetria. O campo epigráfico não sofreu qualquer polimento e a inscrição é praticamente imperceptível, distinguindo-se melhor a primeira e a última linhas. As letras mais visíveis foram gravadas com uma incisão fina e superficial, estando as restantes completamente sumidas. É possível que a escrita do monumento tenha sido parcialmente avivada, dado que há letras nítidas em contraste com outras semi-apaçadas, sem motivo aparente.

A l.1 encontra-se descaída e a l. 2 é mais diminuta em altura, dada a exiguidade do espaço. Os caracteres, bastante irregulares, denotam tendência para a escrita cursiva: P aberto na pança; SS muito pequenos e esguios; M de hastes verticais bastante abertas; L de barra inclinada para baixo. Observa-se apenas um ponto de

---

<sup>5</sup> CURADO, 1984: 8-10 (28.1).

separação no texto, após o *praenomen* do dedicante e é de realçar também a invulgar fórmula final: M(*onumentum*) POS(*uit*)<sup>6</sup>.

A inscrição tem apenas a memória do dedicante, praticamente ilegível: somente é nítido o *praenomen* L(*ucius*), com o possível *cognomen* na 2.<sup>a</sup> linha. Sendo assim, a epígrafe não assinala, no reduzido espaço do campo epigráfico, a divindade reverenciada, podendo adivinhar-se uma dedicatória a *Laepus*. A leitura de L(*aepus*) abreviado na l. 1, que comprovaria esta hipótese, não nos parece agora convincente<sup>7</sup>.

Tendo apenas como base a análise paleográfica do monumento, sugerimos uma datação do fim do séc. II.

### 310.2

Ara votiva de granito de grão fino, descoberta pelo Sr. Manuel Andrade Piçarra num muro da propriedade. Actualmente encontra-se guardada no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal, vindo a ser integrada no futuro museu municipal<sup>8</sup>.

Ao monumento falta-lhe a base e a parte inferior do campo epigráfico encontra-se fracturada. O capitel, pouco evidenciado, está separado do fuste por uma moldura simples e larga. Restam apenas os vestígios de dois toros e do fóculo central circular e alteado (diâmetro = 8 cm). O fuste denota ainda indícios de ter sofrido um alisamento na superfície frontal, encontrando-se bastante deteriorado nas restantes faces, pelo desgaste que a pedra sofreu. Para além disso, um veio natural na aresta esquerda da face frontal, danificou ainda mais o monólito.

Dimensões: 30 x 25,5/23 x 20,5/19.

VICANI · / OCEL[O]N[E]/NSES [...] / [...]

Os Vicanos Ocelonenses...

---

<sup>6</sup> MILLER, M. C. J. (1998), *Abbreviations in Latin*, Chicago, p. LXXX.

<sup>7</sup> Esta interpretação foi apresentada no trabalho de investigação referido da nota 1.

<sup>8</sup> Para o estudo da epígrafe e do seu contexto histórico, obtivemos dos Professores Jorge Alarcão e José d'Encarnação importantes indicações, que muito agradecemos. Ver alguns comentários relativos a este monumento in ALARCÃO, Jorge de (2001), «Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 2, p. 315.



Altura das letras: l. 1: 2,4; l. 2: 2,7; l. 3: 3. Espaços: 1: 0,1; 2: 1,3; 3: 0,7; 4: (3,8).

A face frontal da ara não terá sido totalmente ocupada pelo texto, não se identificando quaisquer traços de escrita sob a l. 3, mas é possível que a inscrição continuasse na base do campo epigráfico, nomeadamente através da menção da fórmula final. São visíveis apenas três linhas que o *ordinator* alinhou à esquerda. Somente é legível a metade esquerda do texto, sendo difícil a identificação das restantes letras, apagadas pelo desgaste. Os caracteres apresentam-se praticamente sumidos e com dimensão variável: NN de hastes verticais inclinadas para diante; CC feitos a partir do molde dos OO; SS bastante abertos. Observa-se, na l. 1, um ponto de separação entre as duas palavras. Não temos, pois, dados paleográficos suficientes que permitam atribuir uma datação ao monumento.

O texto regista a entidade colectiva dedicante da ara. Desconhecemos a divindade reverenciada, que poderia vir identificada na base do campo epigráfico ou aparecer na moldura do capitel. A possibilidade de ter sido omitida é credível, tal como na inscrição anterior, devendo tratar-se muito provavelmente de *Laepus*<sup>9</sup>. Partindo deste pressuposto, estas duas novas inscrições aumentariam para cinco o número de monumentos provenientes deste lugar, referentes ao culto a esta divindade indígena (não contando com a menção na inscrição rupestre do topo do Cabeço das Fráguas).

Estas aras reforçam a ideia de uma área particular de culto local<sup>10</sup> e a omissão do teónimo comprova fortemente a hipótese dum santuário, na base do Cabeço das Fráguas, sem descurar em paralelo a ideia de uma oficina epigráfica<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> ALARCÃO, 2001: 315.

<sup>10</sup> ALARCÃO, 2001: 315-316.

<sup>11</sup> Estas peças, somadas às conhecidas, juntamente com a referência oral do achado na quinta de 14 aras anepígrafas, com diversas dimensões, parecem sugerir a hipótese de uma oficina epigráfica: CURADO, Fernando Patrício (1982), «A viação romana no concelho de Penamacor. Contribuição para o estudo da via de Mérida a Braga», *Actas e Memórias do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, Penamacor, p. 93; CURADO, 1984: 8. Estaria esta oficina epigráfica vocacionada apenas para a produção de aras votivas a *Laepus* ou também para as restantes divindades expressas na inscrição das Fráguas? O desconhecimento do paradeiro actual destes 14 monumentos sugere-nos porém alguma prudência.

O facto mais relevante da análise da epígrafe, apesar das dificuldades de leitura, é a identificação do grupo dedicante. A leitura da parte final da l. 2 não é muito segura, mas baseia-se na existência de vestígios dum O e da probabilidade de existir um E. A proposta *Ocelonienses*<sup>12</sup> só seria plausível existindo um I a seguir ao primeiro N, o que até era possível. Acreditamos, porém, na interpretação de vicanos Ocelonenses, residentes num *vicus Ocelona*.

A questão que se abre, a partir de agora, é a localização deste *vicus*. Terão estes vicanos vindo de longe para erguer o monumento votivo aqui ou trata-se dum gesto de oferenda dos próprios habitantes do assentamento romano local<sup>13</sup>? Poderíamos pretender a sua localização algures na Cova da Beira, associando-o à epígrafe votiva do Ferro<sup>14</sup>, onde somente alguns escassos sítios possuem características de *vicus*. No entanto, os ricos e abundantes vestígios arqueológicos dispersos por 3 ha da Quinta de São Domingos, levam-nos a considerar a existência dum núcleo urbano secundário no local, vocacionado para as actividades agrícolas e metalúrgicas, eventualmente associado a um pequeno edifício de culto regional, de dedicação a *Laepus*<sup>15</sup>. A etimologia proposta de *Ocello* < *uxellô* – com o significado de “alto elevado”<sup>16</sup> – acentua a probabilidade da sua localização na base do imponente Cabeço das Fráguas.

Seria *Laepus* uma devoção restrita dos *vicani* que habitavam a actual Quinta de São Domingos ou teria um âmbito mais alargado, abrangendo o *populus* que residia no território do vale superior do rio Côa?

MARCOS OSÓRIO

---

<sup>12</sup> ALARCÃO, 2001: 315. A duplicação do N no final da l. 2 e início da l. 3 afasta a leitura *Ocelenses*, que nos lembra a inscrição de *Arantius Ocelaecus e Arantia Ocelaeca*, encontrada no Ferro, a mais de 30 quilómetros deste local, referente a um aglomerado populacional *Ocello* em parte ainda desconhecida: ALBERTOS FIRMAT, M<sup>a</sup>. de Lourdes (1985), «A propósito de algunas divinidades lusitanas», *Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario Oblatae*, Vitória, pp. 469-474.

<sup>13</sup> ALARCÃO, 2001: 315.

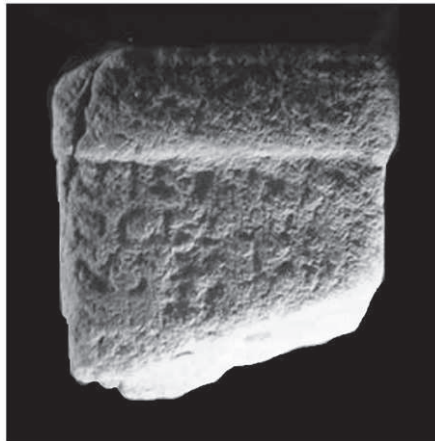
<sup>14</sup> Ver nota 12.

<sup>15</sup> Hipótese confirmada pela referência a vestígios de construções sob a actual capela de São Domingos, onde apareceram também as outras epígrafes já conhecidas: OSÓRIO, 2000: vol. II, 28-29.

<sup>16</sup> FERNÁNDEZ-ALBALAT, Blanca García (1990), *Guerra y Religión en la Gallaecia y la Lusitania Antiguas*, A Coruña, p. 124.



310.1



310.2

## PLACA FUNERÁRIA DE CAPINHA (FUNDÃO)

Placa de granito de grão fino identificada durante os trabalhos de prospecção intensiva efectuados na área das freguesias de Capinha – Escarigo (Fundão). Encontrava-se depositada num amontoado de pedras resultante da demolição de uma casa situada na Travessa da Rua Direita, em Capinha <sup>1</sup>.

Embora fracturada, esta placa apresenta, aparentemente, o texto na íntegra.

Dimensões: 56 x (56) x 11.

M(anibus) · DVTIA · / TVRANI · F(ilia) · / HEC [sic] SITA · / EST ·

Aos Manes. Aqui jaz Dútia, filha de Turano.

Altura das letras: l. 1: 5,5/5,8; l. 2: 5,8/6; l. 3: 8 (H = 5,9; S = 11,6; A = 7); l. 4: 8/8,2. Espaços: 1: 2; 2: 0,7/2,4; 3: 0,5/1,2; 4: 0,2/2; 5: 19.

O texto está distribuído por quatro linhas, alinhadas à esquerda, encontrando-se os caracteres, em escrita actuária, gravados com alguma rudeza devido, em parte, à natureza do suporte; este, todavia, possui a sua superfície regularizada. Algumas letras, como os VV e os NN, possuem as hastes ligeiramente oblíquas, tal como os travesões dos AA, enquanto que os SS são bastante abertos e inclinados para a direita, quase cursivos. A gravação do F, com dois traços verticais (o segundo mais curto), poderá revelar também afectação da escrita cursiva.

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao Sr. P<sup>e</sup> António Gama, pároco de Capinha, e ao Sr. José António André Nunes, proprietário do terreno onde se encontrava esta inscrição, todas as informações que gentilmente nos prestaram.

O aparecimento isolado, logo no início, de um M, antecedendo o nome da defunta e do qual se encontra separado por meio de um ponto redondo, coloca alguns problemas de interpretação. Admitindo que se trata da primeira letra da inscrição, consideramos que este poderá ser interpretado como que uma forma sincopada da invocação aos deuses Manes. A hipótese de M(*onumentum*) colocar-se-ia com menos reservas se o *cognomen* que se segue surgisse em genitivo. Não podemos deixar de referir, no entanto, que a presença de um I no lugar do ponto de separação, elemento que, a verificar-se, tornaria desde logo a interpretação menos problemática – iniciando-se assim a inscrição com o nome *Midutia* e sem a invocação inicial – chega a ser sugerida por um ténue traço, cujas características, porém, não nos permitem considerá-lo resultante da gravação original.

A estrutura onomástica documentada é de tipo peregrino, aparecendo *Dutia* como nome único, seguido do patronímico *Turani*. Esta antroponímia indígena é já conhecida na região, aparecendo registada, designadamente, em Idanha-a-Velha (CIL II 447, ILER 3724 e HAE 1167).

A fórmula final está grafada por extenso no feminino, podendo o vocábulo HEC ser o resultado da transposição para a escrita da oralidade regional.

Para além de sugerirem um ambiente indígena com uma incipiente romanização, a forma arcaica como o F está gravado e a fórmula final por extenso (e sem o voto STTL) parecem apontar para que esta epígrafe seja da primeira metade do séc. I da nossa era.

SARA OLIVEIRA ALMEIDA  
PEDRO C. CARVALHO  
CARLA ALEGRIA RIBEIRO  
RICARDO COSTEIRA DA SILVA



311

ESTELA FUNERÁRIA DA QUINTA DA ERVA  
(SANTANA DA AZINHA, GUARDA)  
(*Conventus Emeritensis*)

Fragmento de estela funerária de granito de grão grosseiro, descoberto em Novembro de 2000, reutilizado na fachada dum palheiro na Rua do Forno, na Quinta da Erva. O exemplar foi identificado no decurso de prospecções em torno da aldeia de A-de-Moura, na freguesia de Santana da Azinha (Guarda)<sup>1</sup>.

O monumento, rudemente afeiçoado, foi posicionado rasante ao chão<sup>2</sup> e de forma invertida. Encontra-se incompleto e fracturado, não permitindo retirar muitas mais ilações<sup>3</sup>.

Dimensões: (43) x 44 x 27.

[...] O / [...]AFR · F(*aciendum*) C(*uravit*)

(...) Afr(...) mandou fazer.

---

<sup>1</sup> A inscrição foi por nós sumariamente apresentada no *corpus* epigráfico do trabalho de investigação: Osório, Marcos (2000), *O Povoamento Romano do Vale Superior do Rio Côa*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. II, p. 55, n.º 33. Agradecemos a Armando Redentor e a Fernando Patrício Curado as indicações que nos deram para a revisão da leitura da epígrafe.

<sup>2</sup> A rua está actualmente pavimentada com cubos de granito, elevando a cota de circulação e cobrindo parcialmente a inscrição.

<sup>3</sup> Soubemos que, há cerca de 50 anos atrás, nos terrenos da quinta, foram descobertos alicerces de muros e algumas «pedras com letras». Em posteriores visitas ao local procurámos, sem sucesso, identificar os restantes fragmentos da inscrição reutilizados nas construções e nos muros da quinta. Em torno dos edifícios do lugarejo foram também detectados fragmentos de cerâmica de construção, cerâmica comum doméstica e uma mó circular, distribuídos por uma área de 7000 m<sup>2</sup> de terreno – testemunhos reveladores de uma pequena unidade agrícola.

Altura das letras: 9 (F = 8). Espaços: 1: 3; 2: 8/10.

O campo epigráfico corresponde a uma cartela rebaixada, pouco alisada e apenas visível na sua parte inferior, com estreitos listéis laterais de 3,5 cm. Imediatamente por baixo encontra-se gravado um elemento cruciforme de hastes simétricas simples (= 11 cm cada) e remates boleados, delimitado por uma circunferência (= 29 cm de diâmetro). O motivo decorativo não é muito comum, podendo revelar uma origem indígena ou até reflectir influências paleocristãs (cruz grega). O seu posicionamento também é pouco frequente, sendo mais usual a colocação na cabeceira da estela.

A inscrição conserva apenas a última linha e vestígios da anterior. O *ordinator* terá disposto o texto obedecendo a um eixo de simetria, embora não tendo aproveitado o máximo de espaço disponível na cartela.

Os caracteres visíveis lêem-se com facilidade, revelando porém pouca homogeneidade na altura: os FF são mais pequenos e apresentam hastes horizontais breves e ténues, o R é feito com a perna segura à pança e não à haste e o C mostra-se achatado. Identifica-se apenas um ponto de separação entre o nome do dedicante e a fórmula final.

Podemos apenas deduzir que estamos perante um monumento funerário mandado erguer por alguém cujo cognome abreviado poderia ser *Africanus*, *Afrodite*, *Afrodísia* ou *Afranius*<sup>4</sup>. Outra leitura possível seria considerar FR como abreviatura de *frater*, antecedida provavelmente pelo respectivo antropónimo.

Não temos também dados suficientes para induzir a datação do monumento. Mas, pela análise paleográfica e decorativa, poderíamos apontar uma cronologia ampla entre os séculos II-III.

MARCOS OSÓRIO

---

<sup>4</sup> Ver exemplos em ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, p. 261; VIVES, José (1971), *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, p. 654.



312